

PRÓLOGO

Pouco depois da sua eleição para sucessor de Pedro, o Papa Francisco fez-nos participar de algo que é chamado a ser uma das linhas de força do seu pontificado: *a conversão pastoral*. Por três vezes empregou esta expressão concreta na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG 25, 27 e 32), embora grande parte do documento não seja senão desenvolvimento e aplicação desse espírito de conversão concreto. *A conversão pastoral* faz parte do sonho do Pontífice que concebe uma «Igreja em saída», incentivada por uma opção missionária «capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação» (EG 27).

Dois anos depois, mediante a convocatória do Ano da Misericórdia, o Papa descrevia os sinais que articulam essa verdadeira conversão: as obras de misericórdia. A propósito do jubileu dos sacerdotes, o Santo Padre concretizou que «as obras de misericórdia são infinitas, cada uma com o seu cunho pessoal, com a história de cada rosto». Todas elas apresentam duas características comuns: são fecundas e

inclusivas. A abertura da mensagem de Cristo a todos os homens passa pela transformação da alma cristã segundo a misericórdia; uma alma que cresce no amor a Cristo e ao próximo, uma alma capaz de gerar vida à sua volta e de não deixar ninguém de fora, por mais alheio ou extravagante que pareça.

Há quem diga que já não estamos numa época de mudanças, mas numa mudança de época e que o crente precisa de cultivar a grandeza e a abertura da alma. Neste contexto, há uma obra de misericórdia que visa dar conselho a quem precisa que brilha com uma intensidade particular na condução dos cristãos pelo caminho do encontro: *o acompanhamento espiritual*. Nela encontramos uma resposta mais do que oportuna para quem se questiona sobre como ser mais missionário e mais aberto; um caminho certo de autêntica conversão pastoral. «[...] mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito», afirma o Papa na *Evangelii Gaudium*. Essa é a forma de «no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual» (EG 171).

Mediante o acompanhamento espiritual cresce-se em amor ao Evangelho e vive-se a experiência da misericórdia, capaz de gerar vida fecunda e de cultivar a paciência e a compreensão. «A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3, 5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã» (EG 169).

A Igreja cumpre essa tarefa, sempre vinculada à sua missão evangelizadora, mediante a formação dos seus padres e agentes de pastoral, de publicações e atividades diversas. Este livro quer aproximar

os cristãos dessa prática do acompanhamento espiritual. É necessário compreender o valioso lugar do acompanhamento para um crescimento espiritual que permita alcançar a maturidade: que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis. Nas páginas que se seguem descobre-se o nobre desejo de abrir o coração dos crentes a Deus e à sua misericórdia, bem como um chamamento explícito a aceitar este convite concreto que Deus faz a cada um para poder contar com Ele na direção espiritual.

O autor, que dedicou parte dos seus anos de sacerdócio à prática do acompanhamento de jovens e casais nas paróquias em que trabalhou, através de uma estrutura bem precisa, trata de explicar o sentido do acompanhamento espiritual, as atitudes oportunas para poder levá-lo a cabo e o modo específico de realizar o colóquio espiritual. Por um lado, quer proporcionar um guia concreto para abrir o coração e deixar-se acompanhar pela Igreja na realização como cristão; por outro, sublinha repetidas vezes a originalidade de cada diálogo espiritual, que está sujeito em última instância à ação do único diretor das almas: o próprio Deus.

Confio em que este livro possa ajudar muitos crentes na bela tarefa de caminharem acompanhados. A direção espiritual não é algo reservado a uns quantos, mas um meio de santificação de todos os cristãos, obra de misericórdia espiritual que abre a alma cristã à alegria e à missão. Um caminho seguro para uma verdadeira conversão pessoal e pastoral.

+ CARLOS OSORO SIERRA
Cardeal-arcebispo de Madrid